

Cuidar da imanência: notas sobre o dispositivo "Thoughtfeeling" ["Práticas de estar com"]

Por Livia Valle, 2014

É preciso saber fechar os olhos na luz e os abrir na sombra. É preciso esperar – dizia o poeta Pablo Neruda. Na lógica dos corpos automatizados, o movimento de abrir e fechar os olhos consegue ser tão banal como o abrir e fechar da geladeira, o abrir e fechar das portas dos carros. São raras as pausas de atenção às sensibilidades não permitidas, ao que não é capturado pela nossa esteira de movimentos de fábrica. Como acolher, entre tudo o que se produz no correr dos dias vampirizado pelo consumo dos mesmos; outros ritmos, outras chances, outros modos de estar, de encontrar? O que podemos encontrar, uma vez que nos dispomos a estar?

Aquilo que muitos pensadores já sinalizaram como “uma lógica da paixão”, seria como uma lentificação à la Neruda. A paixão pode acontecer se interrompemos os modos instituídos de organizar ou ‘gerar’ a experiência (se esta pudesse estar sob nosso controle). A lógica da paixão é a lógica do permitir afetar-se, o que significa outra disponibilidade de corpo.

É preciso ter paixão pela experiência. O professor Jorge Larrosa, por exemplo, sugere a paciência como modo de ativar a lógica da paixão. É na silenciosa troca dos amantes que criamos outro espaço-tempo, outra atmosfera para se respirar, outro abrir e fechar os olhos. É com paixão que o gesto de olhar torna-se, de repente, uma caminhada sem objetivo, quando se coloca entre parênteses os métodos, evidenciando um existir através, simplesmente, do que nos acontece.

A etimologia da palavra método – meta-hodos – revela dois sentidos, meta e caminho, postos em uma ordem: a meta anterior ao caminhar. Um método trata de um caminho a ser percorrido a partir de uma meta que o determina desde seu início. O perigo fundamental deste tipo de caminhar está na preocupação em antecipar finalidades, está neste início que já começa com o ‘produto’ que resultará da experiência. Além disso, estamos bastante exaustos destes cálculos. Como não ‘coisificar’ a experiência? Como não pensá-la a partir de um valor utilitário? Como abri-la à sua própria fluência, sem manipulá-la a partir dos fins? Eis quando tensionamos a necessidade dos métodos em vários âmbitos da experiência.

Considerando que os métodos são aprimorados, afinal, para que se subtraia um caráter processual da experiência aberto às imprevisibilidades, o que aconteceria se ficássemos por alguns instantes sem meta, apenas com o hodos? E se esse hodos fosse uma presença sem conversa, com um estranho que você jamais viu?

Foi durante uma tarde no Parque Lage que conheci o dispositivo Thoughtfeeling, projeto da artista Anna Costa e Silva. Seguindo uma espécie de roteiro que, entretanto, não pode ser confundido como um caminho retilíneo, desviante das coisas que não deseja tocar; este dispositivo, mais próximo de um convite do que de um método, propõe passos pelos quais

somos levados a produzir cartografias de encontros, ou do encontrar outro modo de estar... ou do estar em outro modo de encontrar.

Quando são ritmos

Como Roland Barthes, uma questão que parece inquietar Anna é o 'estar com'. Se para o filósofo, viver junto tem a ver com um paradoxo que chama de 'partilhar distâncias', um pathos da distância é aquilo que instantaneamente surge com a proximidade proposta pelo Thoughtfeeling: pois o estranho que senta comigo evidencia aquilo de estranho em mim comigo, no mundo, e também a estranheza evocadora de uma inevitável negociação entre as presenças. Como interagir com este que jamais vi, neste dia em que todo o resto foi deixado para que uma pausa se realizasse?

A partilha torna o Eu até então fechado em si mesmo mais poroso, entregue a um 'psiquismo da viagem'. Desmanchado e imediatamente reinventado, este é posto em radical alteridade. Mesmo hesitante, é no sentido deste entrecruzamento que o Thoughtfeeling lança uma problematização para cada participante, um desassossego que não paira pelo narcísico ou pela esfera privada, já que tensiona tais categorias para enfatizar o aspecto relacional e processual do estar.

Assim a artista pede que fiquemos trocando olhares em silêncio, interrompidos apenas por algumas sugestões que traz através de um caderno. Em meio ao som dos pássaros e cigarras, do vento batendo na superfície das folhas, do balançar das árvores, os passos trazidos por Anna não são trabalhados como metas, mas como aberturas: pois quando suas anotações nos perguntam sobre possibilidades sem apontá-las, configuram brechas, fazendo-nos pensar em indícios, em traços sobre nós mesmos, cujos improváveis jogos ainda não havíamos jogado. Colocávamos entre parênteses, portanto, hábitos situados, contextos já conhecidos, respostas razoáveis, prontas ou quase. Celulares desligados. Nenhuma aba ou janela aberta ao lado de quem está irremediavelmente na frente de seus olhos.

Diante da impossibilidade tanto da convivência como da solidão, na hipervalorizada sociedade da informação desconfiamos precisar de algo como um intervalo, um interstício na comunicação. Parece que não podemos ser sós e nem podemos viver juntos. No revezamento entre ambas as instâncias, o que vemos em torno da experiência é, acima de tudo, o estabelecimento de uma massificação. Quando na cultura ocidental todos parecem viver sob o império da interatividade e, ao mesmo tempo, no mais profundo isolamento da cômoda indiferença, o que resta da experiência? – eis a urgência que a artista busca acolher.

Anna propõe algo que fura a linguagem da convivência em sua verticalidade e em seu excesso de significação, colocando em suspensão signos comuns e gestos esgotados. E aqui, entre aqueles que partilham, desenha-se uma cumplicidade. No Thoughtfeeling, entre os estranhos brota-se uma delicadeza que, sem saber, enfrenta normatividades duramente cristalizadas no convívio.

Quando nossos modos de ouvir e dizer estão encharcados de interpretação, sutis violências podem fazer com que negligenciemos ou arranquemos não só palavras ou afetos, mas os ritmos do outro, quando estamos diante deste. Como não exercer de alguma maneira um poder sobre esse tempo, ou sobre a expressão singular que acontece por este tempo, eis uma preciosidade, uma qualidade artesanal, um manejo, e um desafio que surge principalmente para quem media o dispositivo. Assim, pelo Thoughtfeeling percebe-se o desenrolar de uma composição, esta que não é a busca de uma simetria ou de uma média aritmética entre os ritmos. A composição do convívio se faz mais como uma pesquisa, um caminhar sobre a variação. Descobre-se aos poucos como viver na inerente descontinuidade.

As regras então vão surgindo, muitas das vezes tecidas apenas pela compreensão dos olhos nos olhos instaurada pelos corpos que interagem. Fazendo do entre um lugar para o exercício do que não se pensou, a leveza deste lugar estranho e de pausa tem, entretanto, uma certa pregnância, como se esboçasse um pacto. É deste pacto um tanto secreto, feito apenas entre aqueles que se olham nos olhos que, sem esforço, surge um fazer sustentável.

Lidando com aquilo que acontece, o encontro, com todos os seus pequenos segredos, mostra a questão e a beleza em torno do desejo de cuidar de algo que ainda não sabemos o que é, mas que já existe, e que durante o Thoughtfeeling, indica-nos a possibilidade de ensaiar uma vida comum.

Vida por todos os lados

O filósofo Gilles Deleuze assim define o que chama de “plano de imanência”: vida por todos os lados, vazamento de intensidades circulando em diferentes velocidades; transbordamento de forças, vibrações; multiplicidade que não pode ser capturada ou conformada; virtualidades em produção de consistência, no entanto, sem essência ou destino. É a pura potência do que pode devir, tudo que está em artigo indefinido por todos os cantos: uma vida. Ou tudo o que pode um encontro qualquer.

O qualquer é o indefinido, aquilo que pode ser... qualquer coisa. Ao propor vivermos na espera, sem saber o que irá ocorrer com o encontro, Anna nos joga neste plano em que não faz da linguagem artística uma intromissão ou exclusão: ninguém precisa ser invadido por algum vocabulário restrito, ou dominar as gramáticas existentes em sua arte, saber interpretá-las, pois elas estão em aberto. E uma vez assim colocadas, não são mais ‘sua arte’. A base do Thoughtfeeling, ao contrário, parece residir na experimentação do viver junto, em fazer circular sensibilidades e astúcias para a construção de alguma coisa que não está dada.

A imanência, assim liberada de sua tradução, também está livre da ordem da propriedade. Nós mesmos traduzimos ou não o que se produz, e nós mesmos descobrimos como, com a sutil sugestão de Anna e seu caderninho. O ponto nervoso do jogo das sugestões está em exercitar uma sensibilidade sobre aquilo que vai se apresentando, exercício que sinteticamente pode ser chamado de um cuidado – assim mesmo, com artigo indefinido.

Cuidar

Supomos um movimento, uma pesquisa de algo que se deseja ainda conhecer, produzir. Thoughtfeeling: pesquisar sentindo, tatear algo que ainda não tem forma. Outros modos possíveis de estar com o outro são sussurrados e não mais impostos. Toda mudança parece começar com um pequeno desvio. E poros abertos. Ali, aparece uma dimensão performática da existência sem a preocupação no desempenho em existir. O futuro deixa de ser o administrador do presente para ser o cuidado do agora. E aqui, percebemos que o que mais nos falta é olhar para aquilo que nos acontece. Esta vida, que acontece entre.

O que o dispositivo proposto por Anna nos convoca a refletir é se nos damos a chance de cuidar disto que, enquanto germina, também grita, angustiado, cansado, mas no aguardo de poder ser ouvido pelo que se expande como um brilho repentino. Um olhar. O que será que se performa pelo silêncio? Não é preciso saber. Anna não lhe pedirá que confesse, nem ninguém. Ao acabar, sentimos ser preciso apenas que se sobre pelo resto. Que se saboreie cada andar solitário. E que este, no caos citadino, não precise ser mais hostil a nenhum de nós.